



SER NEGRO NO CEARÁ – UM OLHAR SOBRE AS COMUNIDADES QUILOMBOLAS PARA O DIGITAL MUNDO MIRAIRA

Izaura Lila Lima RIBEIRO(1); Maria de Lourdes MACENA (2)

(1) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, Rua Monsenhor Salazar 1004, (85) 87700179, e-mail: izauralila@hotmail.com, (2) Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Ceará, e-mail: lumacena@ifce.edu.br

RESUMO

Este artigo apresenta um estudo sobre os negros no Ceará, como também sobre as Comunidades Quilombolas no estado. O resultado da pesquisa será disponibilizado no Digital Mundo Miraira visando contribuir para o conhecimento de estudantes, professores e pesquisadores acerca do tema. Neste trabalho temos como objetivo destacar fatos históricos que falam sobre a presença negra no Ceará, como também pontos importantes relacionados aos costumes e demandas dessas comunidades, e a partir disso proporcionar através do Digital Mundo Miraira um olhar atual sobre os Quilombolas cearenses. Esta pesquisa é de natureza bibliográfica como exercício de iniciação científica buscando o conhecimento do processo investigatório dos pesquisadores, além de uma compreensão da história dos afro-descendentes do Ceará e reconhecimento de dados sobre as comunidades quilombolas para construção de pasta sobre os mesmos no Digital Mundo Miraira.

Palavras-chave: Comunidades Quilombolas, Ceará, Digital Mundo Miraira.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos têm-se observado que tanto as expressões culturais do povo negro como os seus modos e costumes, estão sendo focalizados em nosso estado. Esse novo olhar está sendo possibilitado devido à ação de movimentos sociais e também pela atuação do governo que atualmente exige que as escolas do nosso país transmitam a cultura negra e indígena para os seus alunos. A partir disso, o Projeto Digital Mundo Miraira está sendo desenvolvido para auxiliar de forma eficiente na socialização do conhecimento, disponibilizando pesquisas, vídeos, fotos e informações gerais sobre os fazeres e saberes do povo cearense, estabelecendo assim um ambiente virtual com cunho educativo além de ser uma forma inovadora de transmitir o conhecimento adquirido.

Vale ressaltar, que em nosso estado ainda existe uma concepção errônea de que no Ceará não existe negros, porém os fatos históricos ressaltam a presença negra no estado e a sua contribuição na formação do povo cearense.

Com base nisso, acredito ser relevante a discussão sobre a existência de Comunidades Quilombolas no Ceará, já que segundo o INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) em nosso estado existem aproximadamente 84 comunidades Quilombolas, porém apenas duas destas estão regularmente reconhecidas.

Este trabalho tem como objetivo realizar uma pesquisa bibliográfica, estabelecendo uma discussão teórica baseada nas opiniões de estudiosos sobre o assunto, utilizando dados do Ministério da Cultura e do INCRA. Além disso, iremos esplanar de forma sintética, porém esclarecedora, como o tema será abordado no Digital Mundo Miraira.

2. A PRESENÇA NEGRA NA HISTÓRIA DO CEARÁ

Baseado em fatos históricos acredito ser fundamental ressaltarmos um pouco da presença negra na História do nosso estado.

Alguns documentos históricos afirmam que quando Pero Coelho veio ao Ceará mais precisamente na região da Ibiapaba, já existiam negros na região, porém esses eram confundidos com indígenas.

A primeira prova inequívoca da existência do negro cativo no Ceará deve-se a Matias Beck, holandês que ao conquistar a capitania em 1649 trouxe 10 negros, um dos quais chamado Domingos, nascido na própria terra cearense e que falava com desenvoltura o abanheenga, língua indígena. Encontrou aquele capitão flamengo outros negros no Ceará, todos morando há algum tempo e servindo de escravos aos índios (há indícios de que tinham sido capturados de um navio cuja tripulação foi assassinada pelos nativos ao atracar na capitania). (FARIAS, 2004, p. 200).

A partir desse trecho podemos perceber que a presença negra no estado se deu de forma lenta e com um pequeno número de negros.

Com o desenvolvimento da pecuária nos sertões cearenses, alguns negros também foram trazidos para trabalhar nas fazendas, porém como o trabalho com o gado garantia certa liberdade aos vaqueiros, os proprietários preferiam colocar os negros para auxiliarem nos serviços domésticos, pois assim dificultaria mais a fuga desses escravos.

Algumas medidas foram tomadas para evitar a fuga dos escravos das fazendas, além dos castigos que eram aplicados aos negros, os fazendeiros também decidiram aplicar um caráter paternalista, ou seja, tentar enquadrar aquele escravo na família. Vale ressaltar também que na pecuária existia uma aproximação maior dos proprietários com os seus trabalhadores, isso facilitava para que surgissem laços de confiança com os seus escravos, permitindo assim que eles ocupassem cargos de confiança, além de futuras promessas de alforria.

É fundamental dizer que o Ceará devido a diversos fatores, entre eles, a seca e o alto custo da mão de obra escrava, não possuía uma grande quantidade de escravos, tornando essa mão de obra como um símbolo de status para os fazendeiros.

É importante lembrar a participação do Ceará como pioneiro na Abolição da Escravidão. Podemos dizer que quando a Lei Áurea foi decretada, quase não existiam negros escravizados no estado.

Na realidade, a abolição veio como fruto da brava e heróica resistência negra (cujo exemplo mais famoso foi o legendário Quilombo de Palmares, em Alagoas), da mobilização da população numa campanha abolicionista que agitou o Império e de mudanças econômicas ocorridas no Brasil e no mundo no século XIX. (FARIAS, 2004, p. 198).

Podemos dizer que não só a sociedade cearense, mais que houve um movimento abolicionista no Brasil, principalmente depois que os soldados brasileiros voltaram da Guerra do Paraguai. Com isso, a resistência dos negros aumentou e conseqüentemente as fugas, auxiliando para o fim da escravidão

Mesmo com a abolição a situação dos negros não modificou muito, pois o racismo era algo que persistia, então alguns deles mesmo possuindo a liberdade preferiam continuar a trabalhar com seus senhores enquanto outros tentaram a vida na cidade morando em cortiços e favelas.

Portanto, podemos afirmar que não existiu uma intensa presença negra no Ceará, e isso se deu devido a diversos fatores, porém isso não significa dizer que não existem negros no estado e muito menos que o povo cearense é formado essencialmente por indígenas.

Aliás, a não grande presença africana ajuda a explicar o fenótipo dos sertanejos: um povo composto por uma minoria de negros e brancos e por uma massa mestiça, de pardos, caboclos, mulatos, “morenos acabocladados” e cafuzos oriundos de miscigenações sucessivas, tendo cabelos corredios duros ou levemente ondulados e uma estatura mediana ou baixa. (FARIAS, 2004, p. 40).

3. QUILOMBOS ONTEM E QUILOMBOS HOJE

Os Quilombos eram sítios onde os negros, os mestiços e os brancos pobres, se refugiavam. Normalmente esses sítios se encontravam em locais de difícil acesso, para que assim os capitães do mato e os fazendeiros não pudessem encontrar os seus escravos fugidos.

Esses sítios de fuga e de defesa eram chamados geralmente quilombos, palavra oriunda da língua dos negros que neles predominavam – os bantos, e que significa exatamente, de acordo com a opinião da maioria das autoridades, habitação (Kilombo em língua bundo-angolense). (BRANDÃO, 1978, p. 03).

Esses sítios eram organizados, as comunidades se dedicavam a agricultura de subsistência e até ao comércio, pois alguns líderes faziam acordos com pequenos agricultores.

Segundo o artigo 68 da Constituição Federal, atualmente o conceito de Quilombo não está mais diretamente ligado ao que conhecemos e aprendemos nos livros de história.

O site do OQ (Observatório Quilombola)¹:

Hoje, o termo é usado para designar a situação dos segmentos negros em diferentes regiões e contextos no Brasil, fazendo referência a terras que resultaram da compra por negros libertos; da posse pacífica por ex-escravos de terras abandonadas pelos proprietários em épocas de crise econômica; da ocupação e administração das terras doadas aos santos padroeiros ou de terras entregues ou adquiridas por antigos escravos organizados em quilombos.(s/a, s/d)

¹ <http://www.koinonia.org.br/oq/>

Podemos dizer então que atualmente as terras habitadas pelas Comunidades Quilombolas são consideradas de uso comum, ou seja, que pertencem a todos os membros da comunidade, porém para que essas comunidades sejam realmente reconhecidas como Quilombolas, é necessário levar-se em conta alguns aspectos históricos e culturais.

Para melhorar a vida dessas comunidades o Presidente Luís Inácio Lula da Silva (Lula), assinou o Decreto 4.887/2003, que concede o direito a auto-atribuição como único critério de identificação dessas comunidades, isso significa dizer que essas terras devem ser utilizadas para o uso social, econômico e cultural das pessoas que nela habitam.

Existem ainda projetos ligados ao Ministério da Cultura e a Fundação Palmares que garantem não só o reconhecimento das Comunidades, mas também programas que levem educação, alimentação e cultura para elas.

É fundamental dizer que para que as comunidades quilombolas sejam certificadas pela Fundação Palmares é necessário que cumpra com as exigências do Decreto de nº 4.887/2003, Este decreto considera as comunidades e os grupos étnico-raciais, levando em consideração a sua trajetória histórica, ancestralidade negra e a relação dessas comunidades com a terra. Além disso, ele garante a posse de terra e tenta promover um desenvolvimento sustentável, a partir desse reconhecimento essas comunidades passam a usufruir de programas governamentais como o Programa Fome Zero e o Programa Luz Para Todos, além de estarem regularmente reconhecidas.

4. COMUNIDADES QUILOMBOLAS NO CEARÁ

De acordo com as certidões de auto-reconhecimento emitidas pela Fundação Palmares² no Brasil existem aproximadamente duas mil Comunidades Quilombolas.

O INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) é o órgão responsável pelo reconhecimento dessas comunidades, ele garante a identificação, a delimitação, a demarcação e a titulação das terras que são ocupadas por esses povos. Quando as comunidades recebem o título de reconhecimento elas passam a ser beneficiadas, além da garantia da posse das terras onde vivem.

A maioria dessas comunidades vivem da agricultura de subsistência ou então do artesanato, porém vale ressaltar que muitos quilombolas por não saberem os seus direitos ainda são explorados por alguns agricultores. Na cidade de Horizonte, 960 famílias das localidades de Alto Alegre, Malhada, Alto da Estrela, Alto da Boa Vista e Vila Nova criaram uma Associação dos Remanescentes de Quilombos de Alto Alegre (ARQUA). Com isso, eles garantem os seus direitos e através da associação os moradores obtiveram uma maior aproximação com a prefeitura, garantindo assim escola para as crianças, além de aulas de capoeira e aulas de dança. Essa iniciativa foi fundamental para o fortalecimento da comunidade, pois dessa forma os seus membros passaram a lutar por políticas públicas para os seus quilombos.

Outro exemplo de resistência é a Comunidade de Bastiões, que fica localizada na cidade de Iracema, essa comunidade já possui o reconhecimento da Fundação Palmares e por isso é contemplada com alguns programas governamentais para quilombolas.

Além disso, acontece um resgate constante pelos moradores das tradições da comunidade, um exemplo disso é a Festa de Exaltação da Santa Cruz, que acontece dia 2 de maio e é comemorada só pelos negros, nessa festa existe um costume dos negros se ajoelharem e levantarem-se 100 vezes, outra manifestação característica dessa região é a Festa de Nossa Senhora do Carmo, padroeira da comunidade.

Atualmente foi implantado aqui no Ceará o Programa Brasil Quilombola, sob coordenação da Secretaria Especial de Promoção e Política da Igualdade Racial (Seppir), este é um programa do Governo Federal que garante políticas públicas para os quilombolas. Além disso, devido ao trabalho de ONGs, do Movimento Negro, de quilombolas e de pesquisadores, essas comunidades estão conhecendo mais os seus direitos, pois para que elas sejam valorizadas é preciso que elas se auto reconheçam e assim desmistifiquem o senso comum, provando que o Ceará também é uma terra de negros.

² <http://www.palmares.gov.br/>

4.1 Quilombolas no Digital Mundo Miraira

O Digital Mundo Miraira é uma plataforma online que está sendo criada com a finalidade de proporcionar através das novas tecnologias o conhecimento acerca do patrimônio imaterial cearense.

Neste espaço haverá conteúdos sobre os mais variados temas que envolvem a cultura popular do estado. Diante disso, estamos desenvolvendo uma pasta que se chama “Cultura Negra” dentro dela conterá informações sobre as comunidades quilombolas cearenses e as diversas manifestações da cultura negra no estado.

A partir do artigo desenvolvido, foi possível iniciar uma pesquisa sobre as Comunidades quilombolas, visando coletar materiais imagéticos, sonoros e escritos, para auxiliar na construção do banco de dados sobre os quilombolas.

Durante as pesquisas coletamos um material sobre a Conceição dos Negros ou dos Caetanos, que é uma das comunidades existentes no Ceará, onde quase todos os moradores pertencem à mesma família. Também coletamos informações sobre a Comunidade Quilombola de Souza, que se localiza na cidade de Porteirias no Ceará, essa comunidade possui uma enorme riqueza cultural, resgatando uma série de manifestações, entre elas a dança do coco, a dança de São Gonçalo e as festas para os orixás.

Os materiais coletados estão sendo disponibilizados na plataforma online, de forma acessível, para que estudantes e pesquisadores possam utilizar o site como fonte segura de pesquisa.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do que foi abordado, acredito ser fundamental que o Ceará estabeleça um novo olhar para as Comunidades Quilombolas do estado, para que haja um reconhecimento das mesmas e de seus direitos, além de um auto-reconhecimento pelos próprios negros, para facilitar a conquista dos seus objetivos em geral.

Vale ressaltar que devido a carência de materiais de pesquisa sobre o assunto esse estudo inicial sobre o tema foi fundamental a bolsa de iniciação científica que recebi com o apoio do PIBIC no desenvolvimento do banco de dados do Digital Mundo Miraira, auxiliando na construção e formação do conhecimento.

Portanto é necessário que exista um maior interesse pelo tema, para que assim possamos afirmar a presença da cultura negra no Ceará.

REFERÊNCIAS

ARRUTI, José Maurício. **De como a Cultura se faz política e vice-versa: sobre religiões, festas, negritudes e indianidades no Nordeste contemporâneo.** Texto apresentado ao “IV Ciclo NAÇÃO E REGIÃO – Brasil 500 anos – Experiência e Destino” promovido pela FUNART / UERJ e UENF, 2002.

BRANDÃO, Théo. **Quilombo.** Cadernos de Folclore, 1978.

FARIAS, José Airton de. **História da Sociedade Cearense.** Fortaleza: Edições Livro Técnico, 2004.

INCRA-INSTITUTO NACIONAL DE COLONIZAÇÃO E REFORMA AGRÁRIA. **INCRA/CE reconhece comunidades remanescentes de quilombos.** Disponível em: < http://www.incra.gov.br/portal/index.php?option=com_content&view=article&id=11452:0&catid=1:ultimas&Itemid=278>. Acesso em: 20/02/09.

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES. **Certidões Atualizadas.** Disponível em < www.palmares.gov.br> Acesso em: 27/05/09

OBSERVATÓRIO QUILOMBOLA. O que é Quilombo? Disponível em <
<http://www.koinonia.org.br/oq/quilombo.asp>> Acesso em: 25/07/09